

RUBEM BRAGA

RÚSSIA, ETC.

CADA dia que penso nessas novidades que chegam da Rússia mais me convenço de sua tremenda importância. Vamos deixar de lado a hipótese da vitória de um «movimento de retorno» (que talvez seja tentado) e logo sentiremos que não somos apenas nós, são os próprios dirigentes russos que não podem prever o que vai acontecer. Eles abriram uma brecha no sistema que eles mesmos gostavam de chamar «monolítico»; algo de sagrado e intocável foi jogado ao chão com um pontapé; uma religião ficou sem o seu deus; ficou provado que o seu papa não somente não era infalível como também era um calhorda.

Está claro que os atuais dirigentes não empreenderam essa campanha sem estar certos de que ela correspondia ao sentimento de camadas bastante ponderáveis da população — provavelmente a elite militar, técnica, intelectual do Partido, cansada de viver sob um regime de mistificação e terror. Terror que superou em muito o da Revolução Francesa, em que pelo menos a vítima podia dizer uma bela frase ou um palavrão antes de ser executada. Na Rússia, na hora final da execução, já pouco restava da vítima, depois das torturas físicas e morais, do profundo estado de avacalhamento pública e íntima a que era levada através das famosas «confissões». O operário russo comum podia não dar grande importância a esse estado de terror, que não o ameaçava diretamente, pois ele foi acostumado a acreditar e obedecer; os quadros dirigentes, porém, deviam estar cansados dessa eterna angústia, desse medo, essa insegurança terrível e cotidiana das depurações. Até escalões bastante amplos já deviam estar em situação de saber que uma certa acusação ou afirmativa apresentada como dogma era apenas mentira: abusara-se demasiado do crime do poder e todo cúmplice passara a esperar sua hora de também ser vítima.

O que há de dramático na situação é que todos os dirigentes, por bem ou por mal, a certa altura, foram cúmplices, inclusive ou principalmente esses que agora assumem o papel de acusadores. Dramático e inevitável pela própria natureza do regime. Mas é inútil chamar Stalin de «monstro moral»; o regime, sim, é que era uma verdadeira «monstruosidade moral». Estou falando do regime político — um Estado Policial apenas tenuemente disfarçado pela liberdade de debates internos de questões mínimas — e não do regime social. Dêste lado o que é lícito esperar, nessa reviravolta, é uma democratização: para poder reconquistar a confiança das grandes massas, os dirigentes terão de lhes fazer concessões concretas, seja através de uma produção maior de artigos de consumo seja à custa das prerrogativas da camada burocrática. Já o embaixador americano Kennan, em um livro publicado há 4 ou 5 anos, dizia que havia possibilidades de evolução pacífica na Rússia, mas isso sem importar na volta do capitalismo, da empresa individual, cuja tradição na Rússia é pequena e péssima. No campo é que parece possível uma nova política que abra mão do estrito controle estatal na esperança de que a «fazenda coletiva» se reforme como cooperativa realmente voluntária que deixe certa margem de liberdade ao camponês. Ali está, na realidade, o grande problema da Revolução — um problema que ela pôde sufocar, mas nunca resolver.

Enfim: as perspectivas abertas são enormes, e nossa informação é pequena e nem sempre merecedora de crédito. Esperemos. E enquanto esperamos podemos nos divertir com coisas de muito menos importância para o destino do mundo, mas certamente curiosas: que acontecerá aos atuais regimes de Portugal e Espanha quando os dois ditadores forem se juntar na morte ao velho Stalin?